

# ADESÃO RELIGIOSA E CARREIRAS SEXUAIS: NARRATIVAS DE CONFLITOS E CONFLUÊNCIAS ENTRE RELIGIOSIDADE CRISTÃ E SEXUALIDADES NÃO HEGEMÔNICAS

## RELIGIOUS ADHERENCE AND SEXUAL CAREERS: NARRATIVES OF CONFLICTS AND CONFLUENCES BETWEEN CHRISTIAN RELIGIOSITY AND NON-HEGEMONIC SEXUALITIES

Carlos Lacerda Coelho Júnior<sup>1</sup>

UFPB: <https://orcid.org/0000-0001-5916-9052>

DOI: [10.21680/1982-1662.2024v7n39ID34459](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2024v7n39ID34459)

### Resumo

O artigo tem como escopo apresentar, a partir de investigações realizadas através de pesquisa de campo, na Igreja Batista do Pinheiro, situada na cidade de Maceió (AL), os processos de mutação da visão de mundo sobre a relação entre religiosidade cristã e sexualidades não hegemônicas de cinco membros homossexuais, mediante fragmentos de suas histórias de vida. A passagem de uma compreensão negativa, focada no conceito de pecado, para uma noção positiva, ancorada na cosmovisão de que Deus não faz acepção de pessoas, é explorada como um dado-chave, refletindo disputas travadas no tecido social, destacando igualmente os papéis da Igreja do Pinheiro e de outros elementos internos e externos ao grupo religioso na construção de uma estrutura capaz de fornecer reconhecimento e coesão aos adeptos gays, remodelando os esquemas mentais que impulsionam a ação social desses atores dentro e fora do

---

<sup>1</sup> E-mail: [carlloslacerda.jr@hotmail.com](mailto:carlloslacerda.jr@hotmail.com)

templo religioso.

**Palavras-chave:** Cristianismo. Igrejas inclusivas. Carreiras sexuais. Homossexualidade.

## **Abstract**

The article aims to present, based on investigations carried out through field research at the Pinheiro Baptist Church, located in the city of Maceió (AL), the processes of mutation of the worldview on the relationship between Christian religiosity and non-hegemonic sexualities of five homosexual members, through fragments of their life stories. The transition from a negative understanding, focused on the concept of sin, to a positive notion, anchored in the worldview that God is no respecter of persons, is explored as a key data, reflecting disputes in the social fabric, also highlighting the roles of the Pinheiro Church and other elements internal and external to the religious group in the construction of a structure capable of providing recognition and cohesion to gay followers, remodeling the mental schemes that drive the social action of these religious actors inside and outside the temple.

**Keywords:** Christianity. Inclusive churches. Sexual careers. Homosexuality.

## **Introdução**

Em consonância ao pensamento de Peter Berger (2000), compreendemos que aspectos tanto secularizantes como religiosos estão presentes no mundo contemporâneo, desenhando o complexo mosaico social, sobretudo no contexto brasileiro, profundamente marcado por uma diversidade de segmentos religiosos. Dessa forma, negligenciar o aspecto religioso tanto quanto os aspectos sexuais e de gênero das análises sociológicas significa incorrer em leituras reducionistas da realidade. As questões atinentes a gênero e sexualidade assim como à diversidade religiosa são marcadores sociais de grande relevância e precisam ser levados em

questão na interpretação do Brasil contemporâneo.

Dito isso, destacamos o processo de transformação religiosa pelo qual o país vem atravessando nas últimas quatro décadas, tornando-se cada vez mais evangélico, sobretudo neopentecostal (Mariano, 2012). Em divergência clara ao que é propagado pelo senso comum, entendemos que o universo evangélico é atravessado por inúmeros matizes. Em outras palavras, é plural e complexo, não cabendo em qualquer conceito homogeneizante, sob o risco de edificação de estereótipos nada úteis. É no âmago desse terreno de possibilidades que são semeadas experiências religiosas de igrejas e grupos cristãos inclusivos, no caso brasileiro, entre os anos 90 e os anos 2000 (Musskopf, 2022; Natividade, 2008; Natividade; Oliveira, 2013).

Para André Musskopf (2022), as igrejas e grupos cristãos inclusivos representam uma espécie de resistência ao saber hegemônico cristão, produzindo leituras alternativas e que incluem segmentos marginalizados da sociedade, como é o caso das minorias sexuais. Para Natividade (2008), a partir de suas incursões antropológicas no início dos anos 2000, é possível dividir, a partir de tipos ideais, as igrejas e grupos cristãos inclusivos em dois grandes eixos: (1) igrejas e grupos em diálogo profícuo com os movimentos sociais; e (2) segmentos inclusivos próximos dos movimentos pentecostais. A Igreja Batista do Pinheiro (IBP)<sup>2</sup>, ou simplesmente igreja do Pinheiro, objeto deste artigo, situada no bairro do Pinheiro, cidade de Maceió, aproxima-se do primeiro eixo mencionado, mantendo um diálogo com vários movimentos sociais, porém não possui sua origem atrelada às questões da diversidade sexual, sendo uma igreja oriunda da tradição batista.

Apesar de sua ligação com alguns movimentos sociais, somente em 2016 a IBP tornou público seu posicionamento favorável ao batismo de pessoas LGBTI+<sup>3</sup>, resultado de uma votação majoritária da membresia por meio de uma assembleia interna, provocando sua expulsão da Convenção Batista Brasileira (CBB). No presente artigo, fruto de um recorte da tese de doutorado, pretende-se, portanto, explorar de

---

<sup>2</sup> Sua origem remonta à década de 1940, inicialmente conhecida como uma congregação vinculada à Igreja Batista do Farol que, por sua vez, fornecia seu pastor para a realização dos cultos. Alguns anos depois, ganhou pastor próprio, escolhido de forma democrática, adquirindo autonomia e independência de sua matriz. No início da década de 70, passa a ser chamada de Igreja Batista do Pinheiro, ganhando em 1971 estatuto próprio. Ver: Júnior (2020).

<sup>3</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Intersexo +.

que forma é construída a relação entre a trajetória religiosa e as carreiras sexuais por parte de membros homossexuais<sup>4</sup> — Lucas, Daniel, Emanuel, Mateus, Paulo, Pedro, Tiago — frequentadores da IBP. Seguindo esse panorama, elucidaremos os percursos e trânsitos religiosos e as reconfigurações de si por meio da incorporação de uma nova leitura do universo religioso cristão.

### **Adesão religiosa e os impactos nas carreiras sexuais: conflitos e confluências**

Quando pensamos em sexualidade pela ótica do senso comum é por demais corriqueiro a associação direta ao encontro dos órgãos genitais através do que se entende como “ato sexual”, reduzindo o que poderia ser compreendido de forma mais ampla e elástica. Com efeito, Foucault (2011) ajuda-nos a compreender a sexualidade sob o prisma da construção social, como fenômeno histórico e localizado no tempo, rompendo com entendimentos que a interpretavam a partir da noção de aparato natural, algo dado, permanente e disposto quase que exclusivamente nas genitálias humanas.

Na realidade, a sexualidade deve ser compreendida na qualidade de dispositivo, ou seja, como um conjunto de discursos socialmente forjados por diversas instituições sociais, como a religião, a medicina, escola, o Estado etc., cujo objetivo visa bem mais o disciplinamento que a repressão. Pelas lentes foucaultianas, o discurso da sexualidade emergiu a partir do século XVII e, em meio a um processo paulatino, adquiriu os meandros atuais nas sociedades ocidentais (Miskolci, 2012). Na modernidade, as pessoas também passaram a ser compreendidas através de suas sexualidades. O indivíduo contemporâneo passa a possuir a sua sexualidade, que está disposta no seu próprio corpo, constituindo-se como identidade. Há, de certo modo, uma faceta individual, como já dito, e pública no sentido da organização de movimentos sociais pela causa dos “direitos sexuais” e da “liberdade sexual” (Giddens, 1993; Miskolci, 2012). Em outras palavras, é possível dizer que o discurso da

---

<sup>4</sup> Identificamos, a partir de dois informantes, apenas duas mulheres lésbicas entre os/as frequentadores/as LGBTI+ da igreja. Ambas alegaram, por duas vezes consecutivas, incompatibilidade de horários para a participação da entrevista. Havia também uma mulher transexual que, segundo informantes, deixou de frequentar a igreja, não possuindo qualquer contato ou vínculo com os demais membros LGBTI+, dificultando a sua identificação.

sexualidade universalizou-se nas sociedades hodiernas.

Todavia, como ressalta Maria Heilborn (1999), é preciso reconhecer que alguns segmentos sociais não estão tão expostos à lógica cultural da modernidade, pautada no individualismo exacerbado que coloca a sexualidade como algo do foro íntimo e individual. Há, segundo a antropóloga, diversas culturas, distintas, coexistindo em uma mesma sociedade, disputando os significados acerca de uma infinidade de coisas. É preciso, de antemão, fazer essa colocação para que não se caia em compreensões que acabam por reificar a ideia de sexualidade. Porém, no recorte oriundo da pesquisa de campo que originou este artigo, entre nossos interlocutores investigados vindos de segmentos de classe média, praticamente todos com formação universitária, a sexualidade como identidade carrega, de fato, um efeito simbólico deveras importante.

Assim, as “carreiras sexuais”, categoria na qual utilizamos para a definição e compreensão das representações e percursos afetivo-sexuais, consistem nos processos de significação da vida mediante às esferas afetivas, aos percursos e experiências físicas, a iniciação amorosa/sexual (Heilborn, 1999), entendendo juntamente com Heilborn que esses processos de subjetivação são igualmente perpassados por vários marcadores sociais das diferenças, tais como raça/etnia, gênero, orientação sexual e classe social. Nas linhas a seguir, abordaremos os intercruzamentos entre concepções em torno das carreiras sexuais, identidade e do trânsito religioso, de que maneira eles são construídos e estão em diálogos e/ou conflitos, levando-se em questão que não apenas a sexualidade mas a religião, sobretudo no contexto brasileiro, exerce um importante papel na construção das identidades dos atores sociais (Burity, 2014; Camurça, 2003; Giumbelli, 1996).

Na concepção sociológica de Peter Berger (1985; 2008), a religião é compreendida como um sistema de símbolos sagrados e antídoto contra qualquer anomia social. Do mesmo modo que o autor, bebendo da sociologia durkheimiana, entende a religião como uma instituição de grande importância para a coesão social, coibindo sobretudo crises existenciais, não deixa de explicitar seu caráter de legitimadora do *status quo* e o aspecto de alienação no sentido apregoado pela tradição marxiana, ou seja, a religião entendida enquanto produção humana e

projetada como criação divina.

Todavia, para além dessas características mencionadas, a religião também é produtora de crises de sentido, utilizando-se em determinadas situações do medo e do sentimento de culpa para exercer o seu domínio. Para além da coesão social, a religião, de acordo com Theissen (2009), pode ajudar a produzir instabilidade. É dentro dessa ótica que, em um certo momento da vida dos nossos interlocutores, a religião assim foi representada.

### **Fragmentos de histórias de vida de homens gays cristãos**

A história de vida de Emanuel, branco, 29 anos, demonstra a realidade da religião como produtora de instabilidades. Este nasceu em uma família católica não praticante, passando a frequentar a IBP com mais assiduidade em 2017, chegando a fazer visitas pontuais alguns anos antes. Os pais não tinham o hábito de frequentar as missas. Nunca houve uma preocupação religiosa no ambiente de sua casa. Aos 12 anos, porém, por intermédio de sua avó, passou a frequentar os cultos da Assembleia de Deus, sendo batizado nessa congregação pentecostal. Mas também foi frequentador de uma igreja Adventista e uma outra denominação Batista em determinados momentos da sua vida. Apesar de se perceber sentindo atração física por garotos desde criança, essa questão nunca foi um problema que o levou ao conflito interno, uma vez que igualmente sentia atração por garotas e não exclusivamente por garotos. Até os 21 anos de idade, frequentou a Assembleia sempre presenciando discursos de demonização das sexualidades dissonantes do padrão hegemônico, fazendo-o recolher-se sexualmente por todo esse período. Assim relata:

Eu nunca tive uma preocupação com isso, eu só sabia que eu sentia algo pelas pessoas do mesmo sexo que eu. Mas, eu nunca fiquei preocupado ou me sentindo esquisito com isso, não! Eu já sabia que era gay, só que, ao mesmo tempo, eu gostava de meninas, de ficar com meninas. Até uns 12 anos, eu sempre fui gostando de meninas, ficando com meninas. Às vezes, acontecia uma carícia com um coleguinha e tal. Aí, entre 12 até 21 anos, eu frequentei bastante a igreja e essa parte da homossexualidade ficou de lado. Eu não tinha relações nem com homens nem com mulheres. Nenhuma relação. Só questões de sonhos e desejos que eu reprimia. Eu acreditava, segundo a Bíblia, que não era correto, não era correto... Tanto era que eu não tive relações no período em que eu frequentei a Assembleia. E eu acreditava que

não era correto e nunca tive.

Apesar de sentir atração por pessoas do mesmo gênero, **Emanuel** reprimiu seus desejos homoeróticos por conta de uma norma religiosa que tratava a homossexualidade como pecado. Para ele, seria contraditório manter relações com pessoas do mesmo gênero e ao mesmo tempo ser cristão. Os conflitos eram reprimidos e os desejos liberados constantemente através de sonhos.

No caso de **Paulo**, pardo, 35 anos, o processo de construção de si ocorreu mediante o conflito com o interdito da homossexualidade dentro de sua comunidade religiosa, Igreja Batista Monte das Oliveiras, por volta dos 14 anos de idade. Vindo de uma família em que a mãe se entendia como evangélica, apesar de não praticante, e o pai como católico e umbandista, Paulo chegou a visitar aulas de catequese da Igreja Católica, porém através de amizades com jovens evangélicos passou a frequentar as reuniões e cultos da Igreja Batista, tecendo sua identidade religiosa a partir da experiência cristã evangélica.

Apesar de sentir atração afetiva por garotos de sua idade, desenvolvida nas interações na escola e na rua com os amigos, nunca chegou a se indagar sobre qualquer ideia de interdito sexual, mesmo experimentando o *bullying* pelo fato de não corresponder ao estereótipo dominante de masculinidade. Com as interações desenvolvidas dentro da igreja, “compreendeu” que a direção do seu desejo aos corpos masculinos representava algo negativo, impulsionando-lhe à reflexão sobre quem era.

**Paulo** destaca que:

[Na igreja] Os ciclos, a igreja em si... comecei a ter mais gente perto de mim e comecei a ter experiência com pessoas mais próximas e provavelmente que tinha mais contatos físicos mesmo, como abraço, coisa parecida. Isso começou a despertar em mim a percepção que era diferente, a mesma percepção que eu sentia quando abraçava um rapaz e de quando abraçava uma moça. E aí, pronto! Então, eu comecei nesse universo a me deparar com algumas crises e dizer “eita, eu sentia interesse pela pessoa x, e não é uma moça, é um rapaz”. Então, eu comecei a entrar em crise por essa questão. Porque o espírito religioso estava se constituindo, as leituras, as falas e etc., e ele vinha de encontro a qualquer desejo que não fosse heterossexual. Que era o que parecia estar surgindo em mim nesse período. O discurso que era o cerne era totalmente contra, abominava etc. Agora, eu não

lembro de pregações específicas, mas lá havia um discurso único, um discurso único de abominação como em boa parte das igrejas, tradicionais ou não.

Simultaneamente, **Paulo** desenvolvia sua identidade evangélica e percebia-se sentindo atração por pessoas do mesmo gênero. O fato de enxergar que o grau de afeto dirigido aos rapazes da igreja não era devolvido na mesma proporção o fez entender-se como alguém diferente. Com as pregações, que associavam homossexualidade à abominação, começou a sentir repúdio de si mesmo.

Para **Tiago**, 26 anos, negro, além do preconceito vivenciado dentro de casa – por meio da figura do seu pai – e na escola, a experiência da homofobia também pôde ser sentida na igreja. Todavia, o mal-estar maior ocorreu devido aos insultos proferidos por colegas de um grupo de adolescentes da primeira igreja evangélica, também batista, que passou a frequentar. Sua ida ao templo primeiramente se deu em razão de uma paixão desenvolvida por um rapaz heterossexual:

Quando eu comecei a adolescência, na escola, eu conheci um garoto, chamado \*\*\*\*\*. Ele foi minha primeira paixão platônica, mas nunca soube. E ele que frequentava a Igreja Batista de lá e, tipo, para eu me aproximar dele, eu comecei a ir à igreja também. Aí, foi assim que eu conheci a batista<sup>5</sup>. [...]. Foi aí que eu comecei a, tipo, Deus existe, tal. Eu nunca fui, tipo... meus pais nunca falavam de religião e tal. Então, foi aí que eu tive a oportunidade de conhecer sozinho, digamos assim. [...]. Teve um membro e tal que também me chamou de viado! Aí... isso foi em público. Nós éramos do grupo de adolescentes, né? Aí, “nossa, você não pode deixar que ele fale isso com você. Se eu fosse você falaria para o pastor que ele está se comportando dessa forma com você” [em alusão à fala de um dos membros do grupo], mas aí nisso ficou. Eu me continha. Sempre me contive quando eu estava no interior. Ah, não podia ser afeminado! Eu pensava muito nisso. “Ah, não tenho nada contra, e não sei o quê e tal”, esses velhos termos preconceituosos [fazendo referência às falas que ouvia na igreja]. Eu me sentia infeliz. Era como se eu não tivesse sendo eu. Como se eu não tivesse sendo cem por cento, como se eu estivesse escondendo alguma coisa. Era como se eu estivesse duplamente no armário.

**Tiago** foi vítima de insultos que afetavam a consciência de sua dignidade, levando-o a adotar uma performance discreta, um autopolicimento acerca de qualquer traço “feminino”. Miskolci (2012) ressalta que homens gays que se utilizam de uma estética masculina hegemônica, que conduzem suas vidas dentro de um estilo

<sup>5</sup> Tiago refere-se a uma outra igreja batista.



de vida heteronormativo, estão menos suscetíveis à violência por manter intacta a ordem binária do gênero. Sua saída dessa igreja ocorreu por não suportar mascarar o que entendia como “seu próprio jeito de ser e se expressar”. O fantasma da ideia de pecado também o fez afastar-se por um longo tempo de qualquer templo evangélico.

Faz-se importante ressaltar que o modelo de masculinidade hegemônica opera a partir das ideologias de hierarquização dos gêneros, em que o homem personifica o próprio poder, subalternizando mulheres e até mesmo homens que não se enquadram no modelo de virilidade. Posto isto, a identidade do homem viril dá-se muito mais pela negação do feminino que necessariamente pela afirmação do que é ser homem. Ser homem, nesse sentido, é não ser como a mulher: ser débil, passivo e movido às emoções (Connell, 1987; Kimmel, 2016). Dito isso, a lógica da masculinidade passa a operar como uma tecnologia de gênero, ou seja, modelo operacional ativado para resguardar o *status quo* de gênero (De Lauretis, 1987).

No caso de **Mateus**, 28 anos, pardo, a cosmovisão religiosa, quando ainda era católico assíduo, juntamente com todo imaginário negativo acerca da diversidade sexual, o fazia sentir um sentimento de repulsa de si após atos homoeróticos:

Eu lembro que eu gostava, eu ficava ansioso para fazer isso [atos sexuais], mas quando eu chegava em casa e que olhava para os meus pais, ficava me sentindo culpado, ficava me sentindo sujo. É... eu lembro até que eu me ajoelhava e ficava pedindo perdão a Deus, ficava rezando. É... antes de dormir eu rezava para que eu parasse de ser assim, não fizesse mais essas coisas.

De acordo com **Pedro**, 46 anos, negro, a IBP foi a única igreja evangélica a qual frequentou, não passando pela experiência do trânsito religioso. Como foi inserido na comunidade por volta dos anos 1980, quando a igreja sequer discutia as questões voltadas para a desigualdade de gênero, a discussão sobre homossexualidade basicamente não existia. O que se sabia ou se apresentava sobre a homossexualidade, em seus espaços de sociabilidade, sempre eram no sentido da marginalização. Em meio à ausência de representações positivas, **Pedro** se direcionou a construir uma relação heterossexual, namorando uma jovem da igreja. Os desejos por rapazes existiam e corriqueiramente apareciam, colocando-o em situação de conflito interno:

Foi quando eu comecei a frequentar a Igreja Batista do Pinheiro. Eu comecei a fazer parte de grupo de danças e tal, folclóricos e tal. Fui trabalhar em um hotel. Fiquei noivo de \*\*\*\*\*, eu não sabia que [ela] era membro da igreja, por coincidência eu a conheci fora da igreja. E ela já era membro da igreja. Então, a partir daí foi que eu não tinha ideia ainda [sobre sua própria sexualidade]. Eu estava com dezoito anos, dezoito... claro, tinha aquela coisa de admirar um cara, mas eu não me reconhecia como gay. Mas, como eu trabalhava num hotel, né, eu tive, assim, uma paixão repentina por um hóspede. E aí foi onde tudo aflorou e esse conflito veio muito à tona. Mas, como na época não era algo muito falado, discutido, a homossexualidade, né, então foi um conflito muito meu, muito eu, muito individual. Muito secreto. [...]. Então, era muito esse conflito de me ajoelhar, e pedir perdão a Deus do que eu estava sentindo e tal. Mas, eu sempre fui um cara reflexivo e eu sempre questionava porque era algo muito legal que eu sentia, mas eu via que as pessoas não achavam muito legal. Mas, eu percebia que existiam “n” pessoas iguais, né? Então, foi quando eu conheci esse rapaz, a gente não teve relação nenhuma, eu sentia que era algo recíproco de sentimentos, mas não falado. Existia felicidade de estar junto, a questão de tocar na mão desse cara, a questão de conversar.

Antes de conhecer o hóspede de nacionalidade argentina pelo qual se apaixonou no hotel em que trabalhava, **Pedro** já tinha acabado o noivado e tido sua primeira relação homossexual com um rapaz que conheceu em uma boate no estado do Ceará. Seus primeiros contatos homossexuais ocorreram longe de Maceió, sua cidade natal. Em Fortaleza, cuja estadia estava sendo custeada pelo hotel no qual trabalhava em Maceió, em virtude de um curso de aperfeiçoamento que estava realizando, **Pedro** decidiu sair para “aproveitar a noite”. Foi seu primeiro contato com um local destinado ao público gay. Na boate, conheceu um rapaz. Após se divertirem no ambiente, ambos foram para um motel

Depois dessa primeira experiência sexual, começou a se relacionar com um dos hóspedes, apaixonando-se e levando-o para os cultos. O desejo de estar ao lado do rapaz o fazia não ter receio de qualquer preconceito dentro da própria comunidade religiosa. O relacionamento perdurou por mais de um ano e devido à moradia fora do país do seu companheiro, o término acabou ocorrendo. De todo modo, essas experiências deram maior segurança à aceitação de si, dos seus desejos.

Assim como **Mateus**, **Tiago**, **Paulo**, **Emanuel** e **Pedro**, **Lucas**, 26 anos, pardo, também alimentava uma visão negativa de sua própria sexualidade graças a uma série de discursos diluídos no tecido social, entre eles o situado no âmbito religioso cristão.

Afirma Lucas:

Eu não aceitava por causa do meu discurso religioso. A minha família era religiosa e eu também comecei a entrar na igreja quando eu tinha dezesseis anos e, tipo, eu sempre fui reprimido desde criança a andar direito, “ande direito!” [Em alusão à fala dos pais], na própria rua, chamar de viadinho, e por algo ruim, algo negativo, então, eu nunca quis ser aquilo. Então, depois que eu me tornei religioso, o discurso era, tipo assim, você já é odiado pela família e tipo é odiado por Deus, então você não tem ninguém. Então, eu lembro, você não se aceitava porque eu não iria ser digno de respeito, não seria digno de Deus. [...] Eu lutava contra isso para ser alguém melhor. [...] Eu estava na igreja e lembro que eu pedia a Deus para tirar esse demônio de mim e tal. E nunca aconteceu.

Para além da crise proporcionada em virtude dos conflitos em torno da sexualidade, Lucas também relatou um outro processo de crise existencial surgido recentemente e que se referia às dúvidas em torno da existência ou não de uma divindade tal como sua religião pregava:

Hoje, atualmente, aos vinte e seis anos, é que eu comecei a ter um conflito religioso, entendeu? Em relação, tipo assim, será realmente se Deus existe ou será que isso é certo, entendeu? Na verdade, é só em relação se Deus existe ou não o fato, entendeu? Porém eu nunca deixei de frequentar... eu diminuí muito a frequência que eu tinha na igreja por causa dessas questões. Mas, eu nunca deixei de me denominar, né, de evangélico. [...] O que eu tive em relação a esse conflito foi tipo assim: é em relação à realidade social atual, entendeu? Ver a injustiça social e, tipo assim, cadê Deus? [...].

Ao que se observou, de modo geral, as experiências religiosas dos interlocutores mencionados foram perpassadas por uma série de instabilidades. De um lado, o desejo sendo direcionado a pessoas do mesmo gênero; de outro, a verdade de fé colocando a homossexualidade no âmbito da abominação, do pecado, gerando importantes crises existenciais à medida que deslegitimava qualquer menção à diversidade sexual.

Essas crises de sentido advêm de efeitos dos processos sociais de categorização do outro. A homossexualidade constituiu-se originalmente como um estigma, ou seja, um sinal ou traço que passa a ser ressaltado no sujeito. O indivíduo não é visto desde a sua complexidade, características diversas ou funcionalidades dentro do espaço mais amplo da sociedade. Torna-se por inteiro aquilo que o estigmatiza, nesse caso,

“o homossexual”. Para Goffman (1988), os processos de distinção a partir do sinal ou estigma provêm da naturalização de modelos que certamente surgem a partir de abordagens médicas, de organizações burocráticas como o Estado-nação que torna homogêneo o indivíduo. O estilo muitas vezes “reservado” adotado por atores sociais LGBTI+, como forma de camuflar qualquer performance corporal fora do padrão hegemônico, em uma clara tentativa de autoproteção, pode gerar um alto preço psicológico. Fato visível nos relatos dos interlocutores.

Porém, uma mudança de perspectiva ocorreu na vida desses sujeitos. Alguns, ainda na denominação de origem, questionaram essas normas remodelando as noções de cristianismo e da própria sexualidade. Outros, desenvolveram o senso crítico através da experiência religiosa em uma nova comunidade de fé, a Igreja Batista do Pinheiro. Em outras palavras, novas visões de mundo no campo religioso mobilizaram as ações de tais atores sociais na construção de convergências com as identidades sexuais, modificando esquemas cognitivos conflitivos.

### **“Deus não faz acepção de pessoas”: carreiras sexuais e identidade cristã em sintonia**

Historicamente falando, a Tradição Católica institucionalizou uma espécie de ojeriza ao ato sexual humano. Diante de uma visão que atrelou sexo a pecado, sobretudo herança dos primeiros padres da igreja, a procriação dentro do casamento ao longo dos séculos da era cristã passou a ser entendida pelos teólogos católicos como um mal menor (Ariès, 1985; Vainfas, 1986). O sexo tornou-se cada vez mais compreendido como um instrumento cuja a única função seria a de colocar novas criaturas no mundo. A visão contemporânea da prática sexual emancipada da procriação e direcionada apenas ao campo do desejo ainda é enxergada sobretudo pelo catolicismo como um pecado contra a natureza por solapar a “finalidade primeira” da procriação da espécie humana.

A Igreja Romana parte de um pressuposto ancorado no determinismo biológico, enxergando o ser humano quase que exclusivamente pelo prisma da biologia. Reifica-se a noção de natureza humana, distanciando-se das abordagens científicas atuais apresentadas pelas ciências humanas como a psicologia, antropologia e

sociologia (Piana, 2010; Salzman, Lawler, 2012). A doutrina oficial da Igreja, disposta em seu próprio catecismo, rejeita o saber científico moderno que compreende o ser humano de maneira mais plástica, maleável, que reconfigura a própria biologia, construindo e se reconstruindo no processo de interação no reino social. Nesse sentido, parte significativa das igrejas cristãs herda essa carga negativa e reducionista edificada pela tradição católica, carregando em seu bojo doutrinal o antagonismo entre identidade cristã e diversidade sexual, principalmente às experiências sexuais não hegemônicas.

Essa polarização interfere negativamente na construção das identidades de uma série de pessoas que não se enquadram dentro do modelo hetero-reprodutivo – modelo que advoga, a partir da tese biologicista, a ideia de que o binômio homem/mulher é o único protótipo aceitável quando se pensa a sexualidade, repudiando qualquer forma que transcenda esse esquema. Tornam-se comuns, por conseguinte, diversos processos de crises existenciais vivenciados por pessoas que não se encaixam no esquema citado, mas que se identificam enquanto cristãs. As igrejas e grupos cristãos inclusivos oferecem outros panoramas das leituras religiosas tradicionais sobre a diversidade da sexualidade humana, constituindo-se como contraponto e resistência ao pensamento religioso hegemônico (Musskopf, 2022; Natividade, 2010, 2008; Natividade, Oliveira, 2013;).

A abertura da IBP para a realização de batismo de pessoas LGBTI+ e o gradativo processo de aceitação da diversidade sexual proporcionaram mudanças significativas na visão de mundo de muitos adeptos LGBTI+ que já frequentavam a comunidade, assim como acabou por trazer novos membros que não se sentiam confortáveis em outras igrejas evangélicas em razão do discurso contrário à diversidade sexual. O novo posicionamento da igreja proporcionou um contexto de maior aceitação por parte dos membros LGBTI+, colaborando com os processos de reconhecimento e autoestima desses sujeitos.

O caso de Paulo é interessante, pois o processo de reconfiguração de si começou a ocorrer dentro de sua antiga denominação evangélica por meio de conflitos internos e algumas experiências sexuais com membros da igreja. Esse processo reflexivo foi mediado pelo acesso à internet, local em que pôde encontrar

alguns estudos sobre teologia e homossexualidade pelo ponto de vista da inclusão, disponíveis em sites de denominações inclusivas, colaborando no desenvolvimento de sua auto-aceitação. Nesse sentido, o acesso à internet desempenhou um impacto positivo nos processos de subjetivação. Sobre as questões LGBTI+, as redes sociais carregam um papel importante de emancipação à medida que facilitam a interação com outros iguais, solapando algumas barreiras geradas por processos de hierarquização presentes no cotidiano.

Apesar de **Paulo** ter chegado à IBP em um momento em que a igreja ainda não tinha formalizado a abertura do batismo para pessoas LGBTI+, alguns discursos sutis em torno da condenação à homofobia já podiam ser ouvidos nas falas dos pastores da igreja. O fato de estar em um processo de construção de um novo *self*, desde o antigo templo, fez com que **Paulo** fosse um dos responsáveis pela fundação do GGI<sup>6</sup>. Através do grupo, pôde discutir com outros membros e levar algumas reivindicações aos pastores da igreja, que ficaram interessados pelos estudos desenvolvidos.

O modo de compreender que “não há oposição entre diversidade sexual e cristianismo” vem de um conjunto de fatores e experiências, desde a possibilidade de acessar materiais diversos na internet sobre a temática, a interação com outras pessoas iguais a ele na própria igreja e a formação de um pensamento crítico pelo qual a universidade lhe proporcionou, sobretudo através da construção de uma carreira acadêmica. Para **Paulo**, a homossexualidade é entendida enquanto um processo complexo de interações biopsicossociais:

[...] [ser gay] é um conjunto da constituição do homem, estilo “sociopsíquico” e até biológico também. Então, assim, eu não saberia dizer até que ponto biologicamente isso... eu não diria que há algum gene ou qualquer coisa parecida. Não tem nenhum estudo sobre isso, pra mim, de certa forma, isso é irrelevante porque a concepção social, ela é muito mais definidora do que qualquer aspecto meramente biológico, mas eu acho que é um conjunto, nesse sentido. Eu acho que tem um conjunto [...].

---

<sup>6</sup> Grupo de Gênero e Identidade formado entre os anos de 2012 e 2014, nas dependências da IBP, por adeptos homossexuais cujo objetivo era problematizar supostas proibições acerca da diversidade sexual por parte da Bíblia. O GGI acabou finalizando suas atividades por incompatibilidade de horário de seus membros para a realização dos encontros, não chegando a ganhar o status de grupo formal da igreja, apesar de ter tido autorização de funcionamento por parte da pastora Odja. Essas informações foram fornecidas por um dos informantes durante o processo de pesquisa.

**Tiago, Lucas e Emanuel**, diferentemente de **Paulo**, passaram a compreendê-la como algo natural. Romperam com a noção que atrela homossexualidade ao pecado/abominação, fazendo-se uso de um discurso biológico-determinista no sentido de legitimar o que julgavam entender como uma questão intrínseca ao ser, rejeitando a tese de que a homossexualidade seria uma opção, uma escolha, portanto algo aprendido.

**Tiago**, em meio aos processos de mudanças acerca da percepção de si e do sagrado, passou a entender que seus desejos sexuais eram fortemente direcionados às pessoas do mesmo gênero, ao ponto de senti-los como elementos de sua própria “essência”. Desde que se entendia por pessoa, não haveria a possibilidade de Deus tê-lo criado propositalmente como homossexual para sofrer. A certeza de sua orientação sexual alimentou a própria crença na existência da divindade:

Foi aí que eu comecei a realmente acreditar em Deus que eu pensava: “se Deus existe por que Ele não me criou... Ele não me fez ser gay para sofrer, para ser maltratado e tal. Não é pecado porque se fosse pecado como Ele iria criar um ser para pecar, para sofrer, para sofrer humilhação, para semear tanta coisa ruim?”. Deus não é isso, eu pensava assim.

**Emanuel** segue o mesmo argumento de **Tiago**. Sua mudança de percepção, antes negativa, ocorreu mediante o conhecimento de outros estudos bíblicos que questionavam a suposta condenação da homossexualidade na Bíblia, fortalecendo-se quando passou a congregar na IBP. Descreve Emanuel:

Eu acreditava que era pecado porque eu fazia uma leitura dos textos sem interpretar os textos. Então quando eu passei a interpretar os textos, ver o contexto e estudar e escutar vários estudos sobre o tema, então, eu passei a acreditar que não era mais pecado.

Em relação a **Lucas**, sua compreensão reconfigurada perpassa a ideia de que todos nascem basicamente sem barreiras sexuais quanto aos desejos e a sociedade é quem orienta sexualmente os indivíduos para um padrão construído como verdade, no caso, a heterossexualidade, fazendo com que muitos não se adequem a esta imposição e insistam na sua “sexualidade inata” sem barreiras. No mesmo discurso, contraditoriamente, afirma acreditar que existem tendências definidas biologicamente, como nascer heterossexual, homossexual, bissexual etc., e a partir

da interação social é que essas tendências podem aflorar ou não:

[...] Eu acho que todas as pessoas nascem homoafetivas, entendeu? Tipo assim, é... você nasce sem uma sexualidade definida. Porém, você é orientado, de acordo onde você nasceu, a ser algo, entendeu? No caso, a ser heterossexual. Mas, eu acredito que você já nasce às vezes com uma tendência, no caso, ou tendência a ser hetero ou tendência a ser homoafetivo ou tendência a ser bissexual e com o desenvolver da sua vida você vai, tipo, aperfeiçoando isso, entendeu?

Ao que se percebe, a partir dos próprios repertórios socialmente construídos, as percepções acerca dos desejos e orientação sexual são redesenhadas por esses atores. Alguns, a partir do viés naturalista; outro, dentro de uma perspectiva que edifica um diálogo entre noções de construção social e interações biológicas/psicológicas. De modo geral, o processo de reflexividade que acompanhou as trajetórias desses atores sociais ajudou a modificar os sentidos atribuídos à sexualidade, mobilizando novas ações sociais.

Um desses elementos indiscutivelmente está ancorado na ideia de que Deus, por amor incondicional, não faz acepção de pessoas. A IBP tem um papel, portanto, fundamental nesse processo a partir do momento em que fornece meios e recursos que justificam uma positivação em torno da questão da diversidade sexual, encorajando seus fiéis LGBTI+ a confiarem em seus sentimentos e desejos. Assim, pensando com Axel Honneth (2003; 2007), constroem-se os cenários de coesão social, de reconhecimento, fornecendo meios efetivos para o fortalecimento do autorrespeito e da autoaceitação.

### Religião e reconhecimento intersubjetivo

Devido à experiência da injúria e por não se sentir acolhido dentro de sua antiga denominação religiosa, **Tiago** resolveu afastar-se dos templos religiosos. Todavia, a ausência em pertencer a uma instituição provocou-lhe uma sensação de “vazio existencial”. Em sua concepção, estar afastado de uma comunidade de fé simboliza o enfraquecimento dos laços com a divindade:

Eu fiquei muito tempo sem ir para a igreja, muito tempo mesmo. Só que aí eu fui ficando muito depressivo, muito depressivo, muito depressivo. E tipo, eu sempre fui uma pessoa muito, não sei definir



bem... é... tipo, sempre que eu conseguia alguma coisa, me faltava algo. Eu sempre me sentia incompleto. Incompleto, incompleto, incompleto, incompleto! [...]. Eu nunca me sentia completo. Até voltar para a igreja.

É possível analisar a fala de **Tiago**, nesse trecho, levando-se em conta alguns aspectos. Primeiramente, Durkheim (2008), em seu texto *As formas elementares da vida religiosa*, elucidou a necessidade da instituição religiosa, através de seus mitos e ritos, de reforçar sempre que possível, por meio de celebrações, festejos etc., os seus próprios valores. Seria uma forma de manter sempre viva a chama da crença e garantir a coesão social. Assim funcionaria na sociedade como um todo para o sociólogo francês. Uma vez que **Tiago** se desgarrou do contexto religioso, que lhe servia como fonte de sentido, aqueles valores e crenças foram sendo gradativamente ofuscados, reacendendo o sentimento de descolamento daquelas convicções.

Simultaneamente, contudo, esse processo constante de insatisfação relatado denuncia uma personalidade cuja ausência de autoestima estimula o descontentamento generalizado. Essa mesma autoestima fragilizada deve ser compreendida a partir dos variados elementos presentes na história de vida do interlocutor. Um desses elementos está ligado ao processo traumático de violência física, verbal e psicológica sofrido durante a infância e adolescência por meio da figura de seu genitor. Para Gilberto Velho (2000), a violência está imbricada na noção de poder, sobretudo no sentido da imposição de uma vontade ou mesmo do desejo sob o outro.

Nesse sentido, a violência seria a negação do outro, do diferente. Não há como conceber a ideia de sociedade sem compreender a importância primaz que a diferença desempenha na vida social. A diferença, por conseguinte, é a base do tecido social e o reconhecimento dessas diferenças – à luz das contribuições de Honneth (2003; 2007) – a garantia elementar da autorrealização dos atores sociais. A religião, nesse caso, preenche as lacunas existenciais, camuflando ou aliviando os traumas vivenciados.

### Sobre a religião como fonte de sentido, afirma **Tiago**:

A religião para mim significa isso, esse encontro com Deus. É preencher o que estava faltando. Tipo, o meu vazio foi quando eu percebi que era Deus, que faltava Deus na minha vida. Eu estava uma pessoa, assim, bem materialista. Pensava só no hoje e não pensava no amanhã. E hoje eu penso, eu faço planos. Porque, tipo, teve uma época em que estava tão depressivo, tão depressivo, que eu fazia planos... a minha vida só se estenderia até os 30 anos. Eu não me imaginava depois dos 30 anos. Porque, eu imaginava que até os 30 anos eu teria que cometer suicídio. Só não cometeria antes porque acho que minha mãe não superaria minha morte. [...] E hoje, não. Hoje eu me vejo... é... tenho planos, tenho vontade. Tanto é que eu estou na metade da minha graduação. Penso em fazer uma segunda. Penso em financiar uma casa, penso em viajar, tenho vontade de conhecer lugares. Tenho vontade de ajudar as pessoas principalmente essas pessoas que foram rejeitadas pelos pais, que foram humilhadas, maltratadas, que foram expulsas de casa.

De acordo com Theissen (2009), a religião possui funções que se assemelham, motivando sobretudo atitudes extremadas. Ela tanto pode desempenhar os papéis de porto seguro, do amor incondicional da divindade que acolhe, estabilizando as pessoas em situações de desmoronamento emocional, quanto pode desencadear medos profundos e sentimento de culpa, como a noção de inferno pertencente ao cristianismo primitivo.

Desse modo, a busca pela religião, de acordo com o relato de **Tiago**, cumpriu a função de lhe proporcionar equilíbrio emocional diante das instabilidades da vida e dos conflitos internos, fruto de um passado traumático e sofrível, tornando-se fonte de sentido, renovação e esperança.

Diante do vazio existencial e do desejo em voltar a congregar em uma igreja cristã, **Tiago** descobriu o espaço da IBP. Antes, chegou a frequentar uma outra denominação neopentecostal, a Igreja Bola de Neve, por um curto espaço de tempo, acreditando tratar-se de uma igreja inclusiva, por conta de sua estética moderna e arrojada. Todavia, na prática, a igreja se mostrou tão conservadora quanto a primeira comunidade evangélica que chegou a participar. A busca ocorreu via internet. A igreja, em seu imaginário, deveria atender às suas demandas internas, ou seja, aceitar sua sexualidade sem tentar curá-lo. Todavia, durante sua ida a um culto, ouviu do pastor que a homossexualidade era pecado, um estilo de vida incorreto e que poderia ser mudado. Após a decepção, encontrou algumas notícias na internet sobre a

expulsão da IBP da Convenção Batista por realizar o batismo de pessoas declaradamente homossexuais.

Antes de sua entrada na IBP, **Tiago** já compreendia Deus e até mesmo a estética corporal do ser cristão sob um outro viés. A igreja passou a atuar no reforço de sua auto-aceitação, possibilitando repertórios que justifiquem a sintonia entre a possibilidade de ser homossexual e cristão:

Na Batista, eu entrei e me apaixonei com os discursos do pastor Wellington, apoiando a mulher [...], que acolhia, que não tinha isso de “se era gay ou não era”. Que o importante era estar ali na presença de Deus e tal. Eu fiquei, tipo: “aqui eu estou me encontrando, estou me encontrando. Eu posso ser quem eu sou, eu não vou ser rejeitado”. E foi sabendo que tinha outras pessoas gays. [...] E o pastor Wellington é aquele ser que é só felicidade. Você percebe só no sorriso dele. É uma igreja mais diferente porque ela parece ser voltada para gente mais velha. É! Só que ali, tipo, eu percebi que as pessoas me aceitam do jeito que eu sou. A Batista é onde eu encontro paz. Tipo, eu vou ali, tipo, para fazer um breve retiro, digamos assim, não que, tipo, Deus a gente só conversa na igreja, mas ali é como se fosse um encontro. Eu marquei um encontro com Ele e vou lá. Eu gosto de ir para lá porque eu me sinto em paz. Eu não acho que Deus seja essa pessoa que julga por você ser assim ou ser assado. Deus é amizade. É empatia, Deus é respeito, é compreensão. Deus não é preconceito, Deus é amor. Porque, tipo, o fato deles terem aberto ao batismo, eles só demonstram que a função da igreja é essa, acolher, é ensinar coisas sobre Deus. Não é separar, não é estereotipar.

Assim como **Tiago**, a história de vida de **Mateus** é perpassada pelo trânsito religioso. Esse cresceu em um lar cuja mãe sempre foi praticante do Candomblé, diferentemente do seu pai, católico romano, mas na adolescência de **Mateus** converteu-se à religião da esposa. Todavia, sua mãe preferia que ele frequentasse o catolicismo e não o terreiro, temendo algum tipo de ato de intolerância religiosa. Por muitos anos, **Mateus** frequentou a paróquia do bairro. Apesar de se considerar católico, confessou que nunca teve tanto apreço pela invocação e o culto aos santos, comuns no catolicismo popular.

Suas primeiras experiências com comunidades evangélicas se deram quando recebeu o convite para visitar uma igreja adventista. Frequentou durante um ano, somente abandonando o adventismo pelo fato de que outros vizinhos que o acompanhavam na igreja não foram mais aos cultos. Nesse período, acabou

retornando ao catolicismo. Nunca possuiu interesse em participar de grupos de jovens de sua paróquia, pois acreditava que não seria bem recebido por ser gay, relatando que as pessoas muitas vezes achavam que por se tratar do catolicismo, existiria uma maior tolerância, o que na sua opinião não seria verdade.

No último dia do ano de 2015, **Mateus** organizou-se com amigos para assistir a tradicional queima de fogos na orla da cidade de Maceió, mas antes os jovens combinaram de ir à igreja. Inocentemente, **Mateus** acreditou que iria a uma missa católica. Apenas percebeu que se tratava de outra igreja quando o carro em que estava seguiu outro percurso. Os amigos dirigiram-se para a IBP. Com uma estrutura arquitetônica que o fez lembrar um templo católico, **Mateus** somente veio a perceber que se tratava de uma igreja evangélica quando não viu o pregador trajando uma túnica<sup>7</sup>, mas sim vestimentas comuns, camisa social e calça jeans escura:

Daí, eu não deixei de frequentar mais porque eu gostei muito desse culto de fim de ano. O pastor... ele é muito observador e ele, quando me viu ali como visitante, os meninos já haviam ido antes, né, ele mandou uma pessoa me abraçar. Ele de lá do púlpito me viu e já mandou uma pessoa de lá, que já frequenta há mais tempo, me abraçar. E a pessoa falou “é um abraço do pastor, que ele mandou para você”. E eu fiquei querendo retornar mais vezes. [...].

A permanência de **Mateus** na igreja ocorreu devido ao posicionamento da igreja em torno da aceitação e acolhimento de pessoas LGBTI+, mesmo mantendo algumas crenças oriundas do catolicismo:

**Pesquisador:** Por qual razão decidiu permanecer como frequentador assíduo da IBP?

**Mateus:** Sem dúvida nenhuma foi a questão da aceitação dos homossexuais na igreja. Lá, os homossexuais são batizados e podem participar da direção, enfim, da vida ali da comunidade da IBP. [...]. Eu era católico e não era devoto de nem um santo, né? E quando eu comecei a frequentar [a IBP], eu fiquei mais crítico com relação a isso porque eu ia para a igreja católica, mas eu só falava com Deus. Não falava com Santo Antônio, não falava com São Pedro. Eu rezava a Ave Maria porque era uma coisa meio que imposta por nossa mãe na infância. Embora eu tenha uma relação com Maria muito, é... de muito respeito e carinho porque eu lembro de que quando eu era criança, eu rezei em frente a imagem dela pedindo muito que ela solucionasse um problema que tinha. E esse problema, coincidência ou não, ele desapareceu. E até hoje meus pais não sabem como esse problema

<sup>7</sup> Traje clerical usado pelos padres católicos durante a celebração da Missa.

desapareceu porque os médicos na época já havia até descartado, assim, não tinha diagnóstico, não tinha solução (...).

A IBP, para **Mateus**, simboliza o refúgio, o descanso. O local no qual se sente acolhido e reconhecido sobretudo pelos pastores:

Para mim ela representa o momento da minha vida que eu sei que ali eu vou parar. Ali eu paro. Ali eu paro e sou eu e Deus. É o momento onde eu paro, descanso a mente, descanso a alma. É como se eu sáisse de mim, sabe? E isso acontece porque eu acredito na igreja, no objetivo da igreja. Eu acredito na honestidade dos próprios pastores porque nós temos tantos casos, né, de pastores que infelizmente não se comportam como tal e quando você vê aqueles dois [pastor Wellington e pastora Odja] é que você pensa que nem tudo está perdido, mas é tão pouco ainda, né? Temos tão pouco pastores Wellington e pastoras Odja que eu tenho que aproveitar ao máximo o momento em que eu estou ali porque a interpretação que eles fazem, da Palavra [A Bíblia], é algo libertador e ao mesmo tempo que lhe abraça. [...] Sempre quando eu precisei, eles estavam ali presentes [...]. Eles representam uma espécie de fortaleza porque eu posso contar com eles em todos os momentos.

Diferentemente do período em que não frequentava a IBP, atualmente, **Mateus** acredita que não há anacronismos entre a experiência de ser cristão e sua sexualidade dissonante do modelo padrão:

Hoje eu vejo [a homossexualidade] com tranquilidade graças à IBP, aos esclarecimentos, né, que a gente acaba tendo lá. E isso tende a aumentar ainda mais com a frequência na Escola Bíblica, quando a gente tem ali o estudo da Bíblia.

Para **Lucas**, pardo, 26 anos, frequentador da IBP há quase uma década, antes do discurso oficial de abertura para o batismo de pessoas LGBTI+, não era comum a igreja se dirigir ao tema da diversidade sexual, o que lhe dava um certo conforto uma vez que em outras denominações evangélicas geralmente se explicita o caráter abominável de qualquer prática sexual que escape da heteronormatividade nos cultos. No entanto, segundo ele, o posicionamento oficial da igreja o ajudou a desmistificar resquícios de crenças na impossibilidade de ser gay e cristão.

Apesar da abertura da igreja ocorrer somente no ano de 2016, **Lucas** sempre se sentiu acolhido de outras maneiras. A igreja proporcionava-lhe um espaço em que podia exercer a caridade e a doação, valores primordiais para **Lucas**, fazendo-o sentir-se valorizado e realizado:

Eu sempre fui uma pessoa que sempre quis fazer algo pelo mundo. Ajudar pessoas e tal. E quando eu comecei a frequentar a igreja Batista do Pinheiro foi algo que eu tive a possibilidade de fazer. Como eu era adolescente e tinha bastante tempo livre na época, eu lembro que eu fazia viagens para ajudar as pessoas, no caso os trabalhos missionários, que era você ir em comunidades, tanto periféricas da capital, quanto a dos interiores aqui do estado de Alagoas para ajudar mesmo, conhecer e tal. [...]. E isso me fazia me sentir muito bem. [...] Foi esse discurso que eu comprei e que eu vi, e que eu me identifiquei e me fez permanecer na igreja. Eu me entendia como evangélico sempre. E era engraçado, né, porque eu fui lutando contra isso, né, [os desejos homossexuais] e depois teve uma época em que a própria igreja se posicionou... na verdade, começou de maneira sutil, que o pastor... eu lembro que o pastor... foi na época em que eu estava me descobrindo, também tinha outros gays na igreja, na minha faixa etária, e eu fui me identificando, a gente foi se conhecendo e tal. E depois o pastor chegou a tocar e falou de um filme chamado Orações para Bobby, falou que era um filme incrível e tal. E eu já tinha assistido aquele filme. Depois que o pastor falou aquilo [...], eu comecei a me aceitar melhor, a me entender melhor, tipo assim. A falar “velho, Deus não me odeia por causa disso!”.

No discurso de **Lucas**, a igreja do Pinheiro é representada como uma extensão da família. Parte dessa visão advém da compreensão que a própria IBP tem de si mesma: uma igreja focada na vivência em comunidade. Ao que pudemos verificar em campo, a igreja mobiliza uma série de atividades que estimula a cooperação entre seus membros. A coesão grupal é alimentada corriqueiramente dentro do templo, pois há a crença baseada no estilo de vida das primeiras comunidades cristãs. O *ethos* do amor incondicional e da renúncia ao status, marca característica do cristianismo primitivo (Theissen, 2009), sempre é resgatado e assimilado como um valor da IBP.

A igreja, através dos pastores Wellington e Odja, esforça-se no sentido de compreender e respeitar as particularidades de suas adeptas e adeptos. É comum que cada membro tenha seu nome recordado, seus problemas ouvidos e compreendidos sem ser repreendido ou considerado pecador. Todos esses aspectos, combinados ao discurso de aceitação da diversidade sexual, estimularam o resgate da autoestima de

**Lucas:**

Eu tenho um apelido chamado “família”, na igreja. Toda vez que você vê o pastor falando “está vendo, família?”, no caso sou eu. Aí, é... eu vejo a igreja como uma segunda família, sabe? Porque lá eu aprendi muitas coisas que, tipo, hoje eu tenho no meu caráter graças à igreja. Então, a igreja para mim era um segundo lar. Um segundo lugar de

aprendizagem. Eu aprendi a perdoar muito com a igreja, eu aprendi a ser uma pessoa.... eu acho que eu aprendi a ser uma pessoa melhor, também, por causa dos ensinamentos da igreja. Então eu realmente vejo como um segundo lar, no caso uma escola, um lugar onde você realmente encontra com as pessoas para compartilhar as experiências. É um psicólogo também. Igreja é isso, psicólogo, família. [...] Eu já levei outros amigos LGBT que se sentiram, meu Deus, muito à vontade, sabe? Falaram: “velho, a sua igreja é realmente diferente. Eu não me senti reprimido, eu não me senti menor aqui”, entendeu? [...] Ficam falando que até o estilo musical é diferente, que às vezes toca um reggae, que as vezes toca algo diferente e, tipo, o discurso não é opressor, o discurso não é diminutivo. E eu acredito que a Igreja Batista do Pinheiro, ela realmente, tipo assim, ela acolhe, entendeu? Ela diz assim “aqui é o local onde você pode ficar, aqui é o lugar que você pode ser respeitado, aqui é o lugar onde você poderá exercer sua fé cristã, entendeu? sem ser diminuído”, está entendendo? Agora, se a igreja compra as nossas causas, eu já não sei, entendeu? Porque eu nunca vi ela lutando em uma parada gay, a Igreja Batista do Pinheiro, não. Mas, que você realmente é acolhido lá, é!

Para **Manuel**, a igreja do Pinheiro desperta-lhe a confiança uma vez que “interpreta corretamente as escrituras” e proporciona um espaço que garante o exercício da liberdade de seus adeptos. Nesse caso, nosso interlocutor se refere à questão da contextualização e ruptura com uma leitura fundamentalista sobre a problemática da homossexualidade. O imaginário de um Deus que é amor e não faz distinção de pessoas está por trás da justificativa de **Manuel** para conciliar vida cristã e orientação homossexual. Essa conciliação ocorre mediante sua experiência pessoal, de seus desejos e anseios. Para esse, os indivíduos dispõem de particularidades fruto da complexidade e liberdade de cada um. O papel de Deus é compreender e amar essas peculiaridades, não cabendo a igreja antecipar qualquer tipo de condenação ou mesmo segregar pessoas que não se adequam aos modelos estabelecidos:

**Pesquisador:** Como você vê o posicionamento da igreja em permitir o batismo para pessoas LGBTI+?

**Manuel:** Eu acho correto porque a vida íntima da pessoa com Deus só diz respeito aquela pessoa. Cada um vai prestar conta a Deus dos seus atos. Então, se alguns acham errado, eu acho que mesmo achando errado não deveriam impedir de participar das coisas da instituição. Porque é como eu falei, né, os cristãos acreditam que a sua vida... a prestação de conta que você vai fazer é para Deus. E tudo que você faz se não for errado o que você faz, você vai prestar contas a Ele. Essa abertura do batismo e de aceitar... e de não proibir as pessoas a participar das coisas, das atividades da igreja, é corretíssima.

Na ótica de **Pedro**, semelhantemente à visão de **Manuel**, o cristão deve se comportar como Cristo. Nesse sentido, Jesus é representado pelos ideais do não julgamento, do acolhimento, do amor ao próximo e da justiça. A igreja do Pinheiro, para os interlocutores entrevistados, simboliza uma espécie de espelho de Jesus quando se propõe a discutir temáticas que são consideradas tabus no tecido social, mas que dizem respeito à compreensão da pluralidade da vida humana, acolhendo em sua comunidade indivíduos socialmente estigmatizados.

Conforme **Pedro**:

Foi uma decisão corajosa, eu acho que [a igreja] ganha na qualidade de membros. Qualidade de pessoas que respeitam a individualidade, que respeitam o amor, né? A afetividade. Eu acho que a igreja traz pessoas realmente que vêm e levam o mandamento do Nazareno. Que hoje eu aprendi muito a identificar o discurso do Sermão da Montanha de Jesus Cristo. Então, com isso, só com exercício que eu tive na Igreja Batista do Pinheiro. Ela me surpreende com essa decisão e eu acho que ali tem membros que ali de fato estão no propósito de ajudar seu semelhante. E como tem um mandamento, o primeiro mandamento, que é amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo. E existe um terceiro, um outro, que diz que Cristo é a nossa imagem e semelhança. [...] E aí acho que entra nesse processo, de entender a mulher, de identificar/respeitar a mulher, o empoderamento da mulher, a questão da identidade, do livre-arbítrio, da decisão, do respeito ao outro. Deixar o espírito Santos trabalhar.

Nos relatos explanados, expressões e frases, referindo-se à relação dos interlocutores com a igreja do Pinheiro, tais como: **refúgio, família, “local em que se aprende a perdoar”, “local em que eu estou me encontrando”**, dão a tônica dos discursos. É possível se pensar essas relações e efeitos vivenciados pelos atores sociais no contexto da IBP à luz da teoria do reconhecimento, elaborada por Honneth (2003; 2007). Sua proposta delineia a compreensão de que as mudanças no âmbito da gramática moral da sociedade acontecem mediante processos travados de luta por reconhecimento. A moralidade é uma construção histórica que se impõe por meio de jogos de poder, modificando-se a partir de embates reais no tecido social.

O conflito, nesse sentido, é inerente à vida em sociedade uma vez que a diferença é a base das relações sociais, podendo gerar tensões e embates. Essas tensões ocorrem sobretudo quando determinados valores de certos grupos ganham um caráter hegemônico, estabelecendo-se processos de hierarquização social. As



diferenças podem se constituir como identidades, e estas identidades são forjadas de modo relacional, destaca Stuart Hall (2015). Edificam-se os sentidos e as percepções de si e do grupo a partir da relação com o outro, como bem demonstrou Norbert Elias e John Scotson (2000) em “Os estabelecidos e os outsiders”.

Desse modo, segregações e posturas etnocêntricas acabam sendo comuns nesses processos. Todavia, para Honneth, o florescimento humano, ou seja, o processo de autorrealização pessoal, depende de relações éticas bem estabelecidas. O referido sociólogo aprimora a compreensão hegeliana de que a autoconsciência de um indivíduo deriva das experiências de reconhecimento. A matriz da abordagem honnethiana evoca preceitos sociológicos básicos de que o indivíduo está envolvido em diversas redes sociais. Não há como se pensar em autonomia absoluta do sujeito. Pelo contrário, uma boa vida – ou seja, quando se é possível desfrutar do gozo da existência por meio da experiência da felicidade – depende do reconhecimento intersubjetivo.

Dito isso, é possível se pensar a abertura da igreja para o batismo e a aceitação de pessoas LGBTI+, entre seus membros, como reflexo de lutas por reconhecimento, tanto a partir de lutas no âmbito mais macro da sociedade (por meio dos movimentos sociais), como no sentido mais restrito, dentro da própria IBP, através do engajamento de atores sociais homossexuais no interior da comunidade, da abertura por parte dos pastores, reflexo das próprias histórias de vida, das trajetórias, dos diversos elementos perpassados em suas biografias.

Por mais que, concomitantemente, alguns dos interlocutores já estivessem em processos reflexivos que ocasionariam transformações em suas percepções acerca do que entendiam sobre Deus e de suas sexualidades antes da chegada à IBP, com a entrada na igreja do Pinheiro e conseqüentemente à mudança de postura da igreja em torno da abertura e defesa das minorias sexuais, costurou-se o terreno propício para o aprofundamento dessas alterações e surgimento de um novo *self* cuja visão de mundo se organiza a partir da ideia de confluência entre carreiras homossexuais e identidade cristã.

Os trabalhos desenvolvidos na igreja, tanto os projetos sociais como o acolhimento via atendimento psicológico e pastoral – centrados no *ethos* do amor

incondicional, da partilha e vivência em comunidade, em alusão à comunidade cristã primitiva – possibilitaram o engajamento dos adeptos e o fortalecimento do altruísmo e da solidariedade, assim como o desdobramento da autoestima, gerando um efeito de mútuo acolhimento e reconhecimento.

As experiências da injúria moral, que solapam a liberdade ao negar a existência e integridade do outro, vivenciadas pelos interlocutores nas mais diversas esferas da vida, produziram o efeito de degradação subjetiva e social, induzindo esses atores sociais ao sofrimento intrapsíquico e ao descolamento da vida em sociedade. Essas experiências do não reconhecimento, portanto, produziram efeitos nocivos à existência de **Tiago**, por exemplo, cujo sentimento de morte acompanhou parte de sua infância e adolescência. Assim como **Tiago**, **Lucas** experimentou uma rede de insultos em sua casa, levando-o a evitar o diálogo com o próprio pai por receio de atrito e do desrespeito. **Pedro** experienciou, na escola, a homofobia dos rótulos pejorativos por conta de sua postura corporal fora do padrão hegemônico, fazendo-o reprimir qualquer comportamento entendido como ambíguo. **Paulo** foi punido, na igreja que fez parte, por afrontar o paradigma da sexualidade sadia. Ambos, de todo modo, socializados em ambientes religiosos de cunho cristão, carregaram consigo algum tipo de repressão ou conflito por acreditar que suas performances sexuais insultavam a santidade de Deus<sup>8</sup>.

Entretanto, a experiência do acolhimento na IBP colaborou com o desenvolvimento da autoconfiança corporal, edificando condições psicológicas necessárias para o desenvolvimento do autorrespeito. A igreja atuou em uma espécie de complemento das relações primárias como as elaboradas dentro do âmbito da família. Desse modo, é possível a construção da representação da igreja como uma família ou mesmo aquela que presta auxílio psicológico, no sentido da compreensão das diferenças e particularidades de cada sujeito.

---

<sup>8</sup> A esse fenômeno, é possível se pensar com Daniel Borrillo (2010) a noção de homofobia como um dispositivo de vigilância das fronteiras de gênero, constituindo-se como um dos elementos que dá a base da identidade masculina. Enquanto elemento estrutural, a homofobia pode ser comumente interiorizada por indivíduos LGBTI+, explicando a ocorrência do menosprezo e de certa hostilidade anti-homossexual por parte de muitos indivíduos oriundos dessas minorias sexuais.

Os atributos e qualidades dos atores sociais, que antes eram menosprezados por conta da orientação sexual, passaram a ser desenvolvidos na igreja<sup>9</sup>. O caso de Lucas ilustra esse aspecto. O engajamento nos projetos da igreja tanto o fazia se sentir valorizado, da mesma forma que o possibilitava externar o desejo de ajudar outras pessoas em situações de vulnerabilidade social. A aprovação e permissão, por parte dos pastores, sobretudo a pastora Odja, da ocorrência de reuniões do GGI nas dependências da igreja, para discutir a teologia sob o aspecto das experiências de vida de corpos gays, proporcionaram um espaço de ajuda mútua, troca de experiências e solidariedade entre os frequentadores do grupo, gerando uma atmosfera de autoconfiança.

Para Honneth, (2007), as maneiras de se relacionar com o próprio eu desprovidas de ansiedade somente são possíveis de serem alcançadas por meio de processos de reconhecimento. A autorrealização dá-se mediada pela qualidade das interações entre os atores sociais. Destarte, o que Honneth (2007) chama de “boa vida” não decorre exclusivamente da ação individual. O comportamento dos atores sociais, seus anseios, desejos e receios, devem ser compreendidos levando-se em conta os aspectos estruturais, o contexto no qual estão inseridos.

### Considerações finais

Ressaltamos que todos os interlocutores entrevistados vieram de denominações cristãs, sejam evangélicas ou católica, sendo comum trazerem consigo a compreensão de uma “sexualidade sadia”, geralmente monogâmica, não mais focada na heterossexualidade, porém reconfigurada no sentido de incluir pessoas LGBTI+. Portanto, o que se verifica entre tais atores sociais é a construção de uma nova visão sobre a homossexualidade, que absorve, até determinados pontos, as “verdades” das instituições hegemônicas, constituindo-se como uma alternativa e resistência à visão cristã dominante de mundo.

---

<sup>9</sup> Um outro membro homossexual, que não foi entrevistado por alegações de que estava demasiadamente ocupado com questões relacionadas ao trabalho, atua como advogado da igreja, fazendo parte do corpo de indivíduos que compõe a liderança da igreja. A IBP, nesse caso, atua reconhecendo o valor das habilidades profissionais desse membro.

No âmbito da sociedade, essas concepções (de matizes inclusivas ou conservadoras) são permeadas por conflitos sociais, disputas entre setores religiosos fundamentalistas que insistem na representação da homossexualidade a partir da demonização e da noção de pecado; e grupos que acreditam que no interior de instituições religiosas, como o cristianismo, é possível a edificação de um *ethos* inclusivo como estratégia de reconhecimento social, fazendo-nos pensar sobre como, mesmo dentro do universo cristão inclusivo, a religião opera direta ou indiretamente no disciplinamento das condutas sexuais. Leva-se em conta, por conseguinte, a compreensão da relevância do aspecto religioso na vida social brasileira na contemporaneidade (Natividade, 2013).

Nesse sentido, as transformações das formas de pensar gênero, sexualidade e religião dentro dos espaços da IBP não estão descoladas dos debates, disputas travadas e seus impactos no tecido social nas últimas décadas. A pesquisa sociológica, que culminou no recorte desenvolvido por este artigo, dentro do microcosmo da igreja, ajudou-nos a compreender uma série de questões, por exemplo, como operam internamente os processos de poder e os entrelaçamentos entre agência e estrutura. A igreja do Pinheiro se conecta com ideologias focadas nas crenças da diversidade, do comunitarismo e da liberdade, possibilitando um ambiente de acolhimento, potencializando a integração e coesão social de indivíduos cujas carreiras sexuais fogem de padrões hegemônicos. Essa base religiosa inclusiva, conseqüentemente, favorece as mudanças nas formas de pensar dos atores LGBTI+. A ação desses sujeitos passa a refletir a nova visão de mundo em que “Deus não faz acepção de pessoas”.

## Referências

- ARIÈS, Philippe. O amor no casamento. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (Orgs.). **Sexualidades ocidentais: Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERGER, Peter. **O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião**.

São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: Uma visão global. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, 2000.

BERGER, Peter. **Rumor de anjos**: A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 2008.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BURITY, Joanildo. A ascensão política dos pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos. **DADOS - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 03, p. 601-631, 2014.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Secularização e reencantamento**: A emergência dos novos movimentos religiosos. BIB, São Paulo, n. 56, p. 55-69, 2003.

CONNELL, Raewyn W. **Gender and power**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

DE LAURETIS, Teresa. The technology of gender. **The technology of gender**, p. 1-30, 1987.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: O sistema totêmico na Austrália. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: A vontade de saber. 21. ed. São Paulo: Graal, 2011.

GIUMBELLI, Emerson A. **Da religião como problema social**: Secularização, retorno do sagrado, liberdade religiosa, espaço e comportamento religioso. Rio de Janeiro, PPGA/Museu Nacional, 1996.

GIDDENS, Anthony. **As transformações da intimidade**: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. São Paulo: Lamparina, 2015.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade, In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HONNETH, Axel. Reconhecimento ou redistribuição? A mudança de perspectiva da ordem moral da sociedade. In: SOUZA, Jessé; MATTOS, Patrícia. (Orgs.). **Teoria crítica no século XXI**. São Paulo: Annablume, 2007.

JÚNIOR, Carlos L. C. “**Batizamos e aceitamos pessoas homoafetivas**”: Um estudo sobre a produção de discursos acerca de sexualidades não hegemônicas na Igreja Batista do Pinheiro, Maceió/AL. 2020, 248 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, Paraíba.

KIMMEL, Michael Scott. Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Equatorial**, Natal, v. 03, n. 04, p. 97-124, 2016.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MUSSKOPF, André. Igrejas e grupos cristãos inclusivos e a luta por direitos. **Mandrágora**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 157-177, jul. 2022.

NATIVIDADE, Marcelo. Homofobia religiosa e direitos LGBT: Notas de pesquisa. **Latitude**, Maceió, v. 07, n. 01, p. 33-51, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 02, p. 91-121, ago. 2010.

NATIVIDADE, Marcelo. **Deus me aceita como eu sou?** A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. 2008, 342 f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. **As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

PIANA, Giannino. **Omosessualità: Una proposta ética**. Italia: Citadella Editrice, 2010.

SALZMAN, Todd; LAWLER, Michael. **A pessoa sexual: por uma antropologia católica renovada.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos: Uma teoria do cristianismo primitivo.** São Paulo: Paulinas, 2009.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão.** São Paulo: Ática, 1986.

VELHO, Gilberto. Violência, reciprocidade e desigualdade: Uma perspectiva antropológica. In: VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (Orgs.). **Cidadania e violência.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 2000.

Recebido: 25 out 2023

Aceito: 16 jan 2024